

EDUCAÇÃO E COLONIALISTA EM TIMOR-LESTE



A ilha dos timores está marcada por invasões territoriais e culturais de toda ordem. No século 13 os chineses começam a explorar o sândalo, a madeira perfumada de grande interesse econômico à época. No século 16 a coroa portuguesa determina o “descobrimto” da ilha e constrói-se a primeira igreja católica em Mena, à leste de Oecusse. Em 1975, a Indonésia invade Timor-Leste para apropriar-se do petróleo da ilha, com apoio dos EUA e Austrália. Depois de 24 anos de resistência na guerrilha contra a Indonésia, em 2002, a independência é restaurada e inicia-se a abertura de Timor-Leste para o mundo global.

A história timorense está manchada de sangue. As espadas portuguesas e as balas dos fuzis indonésios guerrearam pela disputa das grandes riquezas do pequeno território. Várias são as estratégias dominadoras de todos os países desenvolvidos para com aqueles em desenvolvimento. A escolarização configura-se como processo privilegiado para doutrinar e disciplinar pessoas dentro de uma estrutura ideológica construída.

Nesse contexto cronológico notamos uma adaptação e aculturação do povo de Timor, primeiro aos ideais portugueses, depois aos indonésios e recentemente aos capitalistas. O colonialismo da época do Timor português está no catolicismo que combateu o animismo, na tentativa de civilizar os chamados “timores primitivos” através da catequização e da língua portuguesa (que foi imposta sobre as línguas nativas). No Timor indonésio, outro traço colonial, o bahasa indonésio tornou-se obrigatório em todas as escolas, excluindo o ensino da língua portuguesa e desprestigiando as línguas nativas. No Timor da ONU e do Banco Mundial, surge uma outra invasão, o neocolonialismo, o espírito do capitalismo moderno se estabelece desde então para soterrar aquilo que resta do espírito do comunismo primitivo vivido nas aldeias antigas ou do socialismo revolucionário vivido na guerrilha.

Todos os países que contribuíram com a invasão de Timor-Leste estão hoje, na democracia, estabelecendo novas formas de ocupação. No Timor globalizado e capitalista, a economia está atrelada ao dólar da mesma forma que a educação está comprometida com os financiamentos e projetos do Banco Mundial.

As grandes potências do mundo capitalista sempre arranjam novas formas de colonizar os países em desenvolvimento. A maioria dos sistemas educacionais colonizadores, ou neocolonizadores, visa muito mais o controle e a disciplina dos

corpos do que o estímulo ao pensamento crítico. A educação sempre foi utilizada a serviço dos interesses das classes dominantes para instituir formas alheias de ser, estar e agir no mundo. As estratégias dominadoras de apagamento das identidades locais são evidentes, seja no tempo da Rota das Índias Orientais ou nos dias atuais do Banco Mundial.

A educação pode libertar um povo ou aprisioná-lo. Não existe educação neutra ou isenta de intenções; currículos e projetos são ferramentas dos mecanismos ideológicos. A forma como alguém conduz uma igreja, uma escola ou um governo revela-nos que algumas pedagogias dentro dessas instituições podem contribuir com a emancipação do sujeito, enquanto outras o

/// A educação pode libertar um povo ou aprisioná-lo ainda mais. ///



**Alfabetização de guerrilheiros das FALINTIL
(Fonte: Arquivo & Museu da Resistência Timorense, AMRT)**

conformam e alienam. A escola em Timor-Leste nasce no seio da igreja e hoje vive no seio das políticas e programas externos.

Com promessas de desenvolvimento, todo projeto educacional colonialista e imperialista se estabelece para ensinar as massas populares a serem exploradas ainda mais. As características peculiares de uma cultura são objeto de disciplinarização. Novas formas políticas, econômicas, religiosas, linguísticas, literárias, alimentares, musicais etc. são instituídas violentamente ou sutilmente através de um processo socio-político-educacional idealizado para formar corpos dóceis e úteis. As velhas e novas formas de colonialismo partem de uma mesma fórmula para criar uma sociedade subalterna ao sistema. A uniformização do comportamento idealizado é oferecida para o colonizado através

das instituições de controle (escola, igreja, órgãos do governo, propagandas etc.). Nesse sistema tudo há de ser ensinado conforme os desejos daquele que tenta dominar. A homogeneização das diferenças feita pelo modelo de escola servil é um dos primeiros passos para a reprodução do que vem de fora para dentro.

A educação bancária foi combatida em 1975 pela FRETILIN, muitos dos que resistiram na guerrilha lutaram por um outro modelo de política e educação diferente desse que é ditado pelas ordens do Banco Mundial. A proposta de uma educação libertadora, bastante debatida na década de 1970, era inspirada em Paulo Freire, Amílcar Cabral, Samora Machel e outros. Nesse cenário é importante destacar que a Independência de Timor-Leste foi restaurada em 2002, mas os princípios educacionais libertadores desse projeto iniciado em 1975 estão esquecidos.

Em tempo de globalização capitalista, a educação de diversos países em desenvolvimento vem sofrendo interferências diretas e indiretas através das ajudas e financiamentos neocolonialistas do Banco Mundial. A tática e a técnica são sempre as mesmas, ao colonizar um país, os imperialistas realizam mudanças estratégicas dentro das principais instituições do território ocupado, a escola é apenas uma dessas instituições adestradas por projetos ligados aos interesses do capital estrangeiro. Os currículos importados sempre são verdadeiras ameaças à libertação das consciências dos povos oprimidos. Importar modelos educacionais sem críticas e debates profundos é uma forma de negar os princípios da causa de luta dos guerrilheiros da educação que queriam não apenas a libertação da pátria, mas do povo.

“A pátria é livre, o povo não!” Essa é a frase proferida pelo ex-guerrilheiro José Bonifácio, amigo de Sahe. Para Bonifácio os verdadeiros heróis timorenses foram aqueles que lutaram e morreram por um ideal, eles não mudaram de causa ou projeto, morreram na luta contra o colonialismo e imperialismo, como lemos na letra do hino nacional escrito pelo poeta Francisco Borja da Costa.

Para combater o colonialismo educacional, os currículos das escolas deveriam ser formulados considerando a realidade cultural local. Os currículos devem ter raízes na história de seu povo. Assim, visitar o passado de luta pela educação vivido por timorenses como: Vicente Reis (Sahe), Dulce Cruz (Wewe), Hamis Bassarewan (Hata), Rosa Bonaparte (Muki), António Carvarinho (Mau Lear) e outros, pode ser uma fonte de grande inspiração para mudanças profundas no cenário educacional atual de Timor-Leste. Esses nomes e suas ideias deveriam estar escritos nos livros. Não escrever a história desses guerrilheiros e educadores do passado é uma forma de silenciar a luta contra o neocolonialismo hoje. Silenciar a memória dos grandes heróis da educação timorense é uma forma de matar as raízes da libertação do povo.

por Reinaldo de Souza Marchesi
Prof. Mestre em Educação (PQLP/CAPES)
reinaldomarchesi@hotmail.com